



Sua ex.<sup>a</sup> Antonio de tomar; tendo por vezes estado no Porto, sendo a ultima quando foi visitar o caro papá em 1842, jura pelos manes de seu avô torto, que nunca entrou no botequim do "Pepino," e até nunca passou por "Cima do Muro," S. E. sabendo que ha mais Antonios e Marias na terra, sem ser elle, julga necessaria esta declaração; no entanto vai passando sem incommodo em sua importante e desejada saude.

O TIO RODRIGO

FAZENDO OFFERTA AO SEU CARO AMIGO

Drama sério em 2 actos.

ACTO I.

O theatro representa o gabinete do Tio Rodrigo.

SCENA I.

RODRIGO só.

(Rodrigo está sentado junto de uma mesa lendo o Burlesco.)

CARTA

Do praticante de Braz Refresco, ao amigo Burlesco.

MEU CARO.

em-se geralmente tornado muito sensível esta quaresma a falta de cadellinhas, tão boa petisqueira para fazer com arroz.

Diz-se que em consequencia dos direitos que pagam, é que não apparecem, e a falta dos direitos tem contribuido bastante para o atraso em que está o caminho de ferro; porém nestes quarenta dias, muito temos que ver.

Quarenta dias é uma quaresma, quarenta dias durou o diluvio universal, e quarenta dias devem passar para termos obra de ferro!

Supponho estarem já descobertos os au-



eu tudo quanto tenho feito é puchar para trás, e nunca para diante; mas que heide eu fazer, se isto é genio ineu. O caminho de ferro em vez de correr para diante, corre para trás, o vapor impreterivelmente anda com a pópa para avante, e a prôa para a ré; e eu já quasi que estou abalroando para estibordo. Esse rapaz, esse amanuense que ahí está, é um cabeça de vento, que não faz senão asneiras, o que lhe importa são os figurinhos de modas, andar janota, e gastar dinheiro. Não me faz conta. Vou despedi-lo. Mas quem heide eu tomar para meu caixaero? (Tira da algibeira uma relação de nomes e lê de vagar.) — (Alto) não vejo senão Rodrigo frito, Rodrigo de fricacé, Rodrigo de môlho d'altho, Rodrigo com couve lombarda, empadas de Rodrigo, e Rodrigo de môlho de villão!!... Elles todos são muito bons Rodrigos, mas se chamo um, os mais cascam-me, e são até capazes de fazerem um Burlesco expressamente para mim! Vai torta. Ah! já sei! Vou escrever ao meu sapateiro, que é tambem mestre, e ninguem como elle sabe tomar uma medida tão certa. Elle

thores da machina infernal. Eu os vi em S. Carlos, vestidos de preto e vermelho, e conduzindo a seu bordo os projectis terri- veis da machina innocente. Foi preciso que chegasse um dia de entrudo para a machina se tornar visivel! Confesso que tive medo de me aproximar dos sete rapazes travessos que a compunham, por que até exhalavam fedor a agoa raz, breu, enxofre, e sarda frita! E ainda mais medo tive de um que levava oculos, por me parecer um freguez cá da botica, e tive medo que fosse dizer ao patrão que eu andava de folia. Todas as pesquisas a este respeito são desnecessarias, desde o momento em que no baile nacional, S. Carlos, e ruas de Lisboa, se viu com tanta sem cerimonia a machina, e seus adjuntos passearem com toda a paz de espirito diante da guarda municipal, dos officiaes de diligencia, e do tio Rodrigo, que apesar do seu genio jovial e alegre, sempre lhe havia fazer sua caretta!

O Alves cabelleireiro, e que vende creme a 40 rs. o copo, atirou muito ovo, e mais estallos. Os janotas de cabaz no bra-

ço unico que me sabe arranjar um par de botes que me livrem dos calos de que eu sou tão achacado. (Escreve).

SCENA II.

O MESMO e um CREADO.

Creado — (entrando) Senhor, a ceia está prompta.

Rodrigo. — O que ha que se coma?

Creado. — Carangueijo cozido, papas de milho, feijão frade com abobora menina, caldo d'unto, e amendoas torradas.

Rodrigo. — Oh! que bella petisqueira! Leva esta carta, e os botins velhos a casa do sapateiro, e traz a ceia.

(Cae o panno).

ACTO II.

SCENA I.

O Sapateiro e o Creado.

Creado. — Sr. Mestre, esta carta, e estes botins para concertar, e o portador pede a resposta.

Antonio José — Venha de lá isso, (o creado dá-lhe os tres objectos). Eu já sei pouco mais ou menos de quem isto é (á parte). (Lê a carta). Ora com effeito, em quanto as botas tiveram palmilhas não deixaram de servir; porém agora que os canos já não podem aturar mais concerto algum, que até as prezilhas estão rotas, que não teem viras, os contrafortes estão acalquinhados, e o resto do cabedal todo estragado; agora que nem um trapeiro se incommoda a apanhas da rua, é que querem que eu lhes dê concerto!!..... Este freguez é bom, e eu sou amigo d'el-

ço fizeram o mesmo; o Chiado, largo de S. Paulo, etc. etc., foi derrotado por esse exercito elegante, que nestes dias parodia os rapazes da rua, que partem vidros á pedra, só com a differença que são da rua do Chiado, e partem-os a ovo!

Gostei de ver em S. Carlos o progresso vestido de velho, côxo, e com carangueijos ás costas.

Achei graça a um ratão, que levava o fato do avesso, com um leitreiro no chapéo — COMO TUDO ANDA! — Tinha chiste.

Vi um mascara vestido de dormideiras, que me dizem ser o meu patrão Braz Refresco. Os mais eram já sedicões fatos de guarda roupa, que tenho visto ha mais de 50 carnavaes, isto com pequenas excepções.

Os theatros estiveram cheios, até o das maldições tinha enchente!! Caso raro na historia! Aqui fico, por não ter forças para dizer mais, á vista do exposto, por que cheio de pismo e admiracão está

O Praticante do Braz Refresco.

N. B. Por falta de espaço não podemos publicar Sabbado passado esta carta do praticante, de que pedimos desculpa.

le, mas quanto ás botas, não lhe acho furo, não merece a pena o concerto. Se este homem as tivesse poupado mais, se não andasse com ellas nos pés successivamente desde Maio de 51 até hoje, não estavam no estado miseravel em que hoje estão! Toma lá, dá-lhas, e dize lhe que se quer mande fazer outras, estas póde dá-las á carroça do lixo.

SCENA II.

Antonio José, só.

Antonio José.—Ora não me seringuem...

(Abre-se a porta do fundo, e entra uma senhora mascarada com um dominó.)

Antonio José.—Que vejo?

A Senhora (ajoelha).—Meu querido aqui me tens a teus pés! Não são as botas que eu quero concertadas, é o meu coração que está cheio de lombrigas, e até me parece que tem uma solitaria, e só tu me pódes applicar o verdadeiro remedio para este mal!

Antonio José.—Que bicha é esta!

(A mascara despe o dominó, e ve-se o tio Rodrigo em grande etiqueta.)

Rodrigo.—Seu eu que te faço este presente (mostra-lhe uma pasta).

Antonio José.—Os diabos te levem, então agora é que me trazes essa estopada, que não vale 30 rs.? Eu não a quero.

Rodrigo.—Pega lá, que te não hades arrender.

Antonio José.—Eu cá não lhe peço; e já disse..... Adeos (sáe).

Rodrigo.—E eu vou atraz de ti, não te largo..... (Sáe).

(Cae o panno).

Officina de Manoel de Jesus Coelho—Rua do Poço dos Negros N.º 54



RODRIGO FAZENDO UMA OFFERTA AO SEU QUERIDO AMIGO.

O TIO RODRIGO FAZENDO OFFERTA AO SEU CARO AMIGO.

ACTO I.  
O theatro representa o gabinete de Tio Rodrigo.  
SCENA I.  
Rodrigo só.

RODRIGO está sentado junto de uma mesa lendo o Bursaco.

ACTO II.  
O theatro representa o gabinete de Tio Rodrigo.  
SCENA I.  
Rodrigo só.

RODRIGO está sentado junto de uma mesa lendo o Bursaco.